

**Paul Ricoeur e a investigação sobre o sujeito:
considerações sobre o *cogito* ferido e a mediação da psicanálise**

*Paul Ricoeur and the research on the subject:
remarks about the wounded cogito and the mediation of psychoanalysis*

João Bosco Batista

RESUMO: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que busca investigar a temática do sujeito na “filosofia reflexiva” de Paul Ricoeur. Como procedimento metodológico, optamos pelo recorte da fase da obra do autor (1960-1969), na qual retoma o problema da subjetividade pelo viés psicanalítico, notadamente em *Da interpretação: ensaios sobre Freud*. Nossa argumentação consiste em demonstrar a relevância desta problemática tal como é apresentada por Ricoeur. A nosso ver, o autor, num rasgo de originalidade, consegue por meio da hermenêutica simbólica, por ele adotada, apresentar uma reflexão filosófica sobre a psicanálise e apropriar-se de um discurso que se beneficia dela, enquanto movimento de desconstrução da consciência imediata e, com destreza, aponta uma saída para a aporia em que se encontrava o sujeito. A denegação do sujeito, potencializada pela psicanálise, é habilmente submetida à reflexão crítica e instrumentalizada estrategicamente para servir ao discurso de valorização de uma nova concepção do sujeito. Diríamos que das cinzas do sujeito (ou cogito) cartesiano, deixadas pela desconstrução freudiana, Ricoeur faz renascer uma nova concepção da existência humana ou da subjetividade, depurada de sua falsidade ou imediatez. Que sujeito é esse que é resgatado pela hermenêutica ricoeuriana? Qual a importância dos símbolos culturais e religiosos para a empreitada reflexiva de construção de um novo conceito de sujeito ou de consciência em Ricoeur? Como a psicanálise serviu aos propósitos do filósofo? Tais problemas norteiam nossa investigação da filosofia “prática” que propõe o autor, na qual a consciência é uma tarefa inacabada, um esforço ou desejo de ser.

PALAVRAS-CHAVE: Ricoeur; Psicanálise; Sujeito; Hermenêutica.

ABSTRACT: This paper is a result of a research which sought to investigate the subject theme in the Paul Ricoeur’s “reflexive philosophy.” As the methodological procedure, we chose the period between the 1960’s and 1970’s of the author’s work, in which it takes over the subjectivity issue through the psychoanalytic bias, notably inside “From the interpretation: an essay about Freud. Our argumentation consists unto demonstrate the relevance of this problematic as it is presented by Ricoeur. In our view, the author, in an insight of creativity, achieves through the symbolic hermeneutics, by him adopted, to present a philosophy reflection about the psychoanalysis and to appropriate of a speech which benefits of that, as a movement of deconstruction of the immediate consciousness, and, with cunning, points to a way out of the aporia in which was the subject. The subject’s denial, potentialized by the psychoanalysis, is ably submitted into critical reflection, and strategically instrumentalized in order to serve a speech of valorization coming from a new subject’s conception. We could say, that, from the cartesian subject ashes (or cogito), left by Freud’s deconstruction, Ricoeur makes a new conception of the human being existence or subjectivity reborn, purified from his falseness or immediacy. What subject is this who is rescued by the Ricoeur’s hermeneutics? What is the importance of the religion and cultural symbols to the reflective endeavor of a new subject or consciousness’ concept by Ricoeur? How did the psychoanalysis serve to the philosopher proposes? Such problems guide our investigation of the philosophy’s “practice” proposed by the author, in which the consciousness is a work in progress, an effort or a wish of being.

KEYWORDS: Ricoeur; Psychoanalysis; Subject; Hermeneutics.

Introdução

Paul Ricoeur (1913-2005), um dos maiores representantes da “hermenêutica francesa”, teve uma participação singular na filosofia contemporânea quanto ao tema do sujeito, empreendendo uma hermenêutica do homem na história em suas multifárias manifestações, desde o problema da linguagem e da narrativa, até problemas de cunho mais existencial, como os temas da morte, da angústia, da culpabilidade, entre outros.

A sua hermenêutica procura superar o sujeito cartesiano dicotomizado da realidade e substancializado em *cogito*. Sua atenção volta-se prioritariamente para as questões do homem enquanto indivíduo situado e contextualizado por uma malha de signos que precisam ser interpretados, visando a uma maior compreensão da existência humana e de seus problemas fundamentais. Ricoeur é considerado um dos mais autorizados intérpretes da nossa estrutura cultural e do entendimento que o homem contemporâneo possui da própria vida. Ele aborda com profundidade problemas filosóficos e teológicos, colocando no cerne de suas indagações o problema da significação dos feitos e fatos humanos – o homem é o problema fundamental que permeia sua chamada “filosofia reflexiva”.

O objeto de nossa pesquisa situa-se na primeira etapa do pensamento de Ricoeur (1960 a 1969), onde aparecem dois temas bem delimitados: a hermenêutica dos símbolos e a psicanálise. Três são os livros que compreendem este período: *A simbólica do mal*, *Da interpretação: ensaio sobre Freud* e *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. O livro *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, será o objeto específico de nossa investigação, por ser o estudo no qual o autor apresenta o encontro da hermenêutica dos símbolos e da psicanálise. Nesta obra, Ricoeur apresenta uma leitura precisa da obra de Freud. Uma leitura que se caracteriza por enxergar na fala psicanalítica uma dualidade de discurso: Freud se referia à experiência humana em termos de “sentido” e “força”. A característica da psicanálise para Ricoeur se encontra na recusa em optar por uma análise do homem somente em termos de força, ou somente em termos de sentido. Para o filósofo, a psicanálise é tanto uma hermenêutica que compreende os sentidos quanto uma “energética” que explica as forças em jogo na psique humana.

Para um filósofo formado na escola da fenomenologia, das filosofias existenciais e do retorno aos estudos hegelianos, o encontro com a psicanálise constitui inegavelmente um abalo

considerável. Tal é o caso de Paul Ricoeur, cuja obra publicada em 1965, *De Interpretação: ensaio sobre Freud*, expressa, de forma significativa, o projeto da reflexão filosófica posto em questão em seu conjunto pela demolição psicanalítica: “o que é posto em questão de maneira geral e radical é aquilo que nos aparece, a nós bons fenomenólogos, como o campo, como o fundamento, como a própria origem de toda significação, quero dizer, a consciência” (RICOEUR, 1969, p. 100). Assim como Marx e Nietzsche, Freud levanta-se diante dos filósofos como um *mestre da suspeita* (expressão comum tanto a Michel Foucault quanto a Paul Ricoeur), fazendo despontar o problema da consciência como ilusão. Importa, na presente reflexão, avaliar a importância da leitura de Freud para o desenvolvimento do projeto hermenêutico em filosofia, tal como concebido por Ricoeur.

1. O *Cogito* partido: a consciência desapropriada de si mesma

Desde o início de sua trajetória em *O voluntário e o involuntário*, Ricoeur se situa num combate às versões mais exacerbadas do idealismo, em particular à pretensão de autossuficiência da consciência de si, para ressaltar os limites dessa tentativa. Isso se evidencia por meio da aceitação dos limites apresentados pela crítica kantiana, onde ficam expostas as demarcações intransponíveis da racionalidade e da linguagem humanas, sob pena de cair nas aporias ou, pior, na *hybris* (desmedida) de um pensamento que se auto institui em absoluto. Nessa empreitada de oposição aos exageros da tradição idealista, Ricoeur aponta como *leitmotiv* de sua filosofia, uma pesquisa simultaneamente sóbria e apaixonada das relações da consciência e do sujeito com o mundo que os circunscreve e os constitui por inúmeros laços. Diríamos, em termos heideggerianos, que Ricoeur se debruça sobre a pesquisa das inúmeras maneiras do sujeito humano habitar o mundo e torná-lo mais habitável. À “exaltação do Cogito” ele opõe um *Cogito* “desancorado” ou “partido” como escreve no prefácio a *O si-mesmo como um outro* (RICOEUR, 1991, p. 22), obra em que ele busca desenvolver uma “hermenêutica do si”.

A abordagem de Ricoeur da problemática do sujeito é eminentemente hermenêutica, interessa-lhe elaborar o próprio conceito de interpretação. Ele observa que seus primeiros escritos repousavam sobre uma noção “amplificante” de interpretação: uma interpretação atenta ao acréscimo de sentido incluído no símbolo e que a reflexão tinha por tarefa liberar. O

confronto com os “três grandes mestres da suspeita”, Freud, Marx e Nietzsche – através do diálogo com a psicanálise, com o estruturalismo, entre outros marxistas, e com o pós-heideggerianismo – leva-o a admitir outra possibilidade de interpretação: uma interpretação redutora, isto é, de denúncia das ilusões, genealógica no sentido de Nietzsche, de crítica ideológica em Marx, de descoberta do recalque e da repressão em Freud. Dessas leituras, portanto, Ricoeur tira ainda mais munição para sua empresa de desmistificação das pretensões teóricas totalizantes. Por essa mediação dos mestres da suspeita, seu pensamento se depara com instrumentos privilegiados de análise da relação temporal e histórica que subjaz à prática hermenêutica. Como as manifestações culturais, individuais ou coletivas não se constituem a partir de uma produção linear e tranquila de sentidos acumulados, mas surgem também de conflitos, de deslocamentos, de disfarces e de transferências, assim também a relação entre o presente do intérprete e o passado mais ou menos longínquo da obra interpretada não se resume à mera relação de aceitação e de transmissão. A própria transmissão da tradição obedece a motivos e interesses diversos, explícitos ou implícitos, tematizados ou inconscientes, que interferem no processo hermenêutico enquanto tal. No processo interpretativo confrontam-se sempre dois mundos, o da obra e o do intérprete. Ambos devem ser refletidos. A dinâmica da compreensão comporta, porém, certo apagamento do intérprete em favor da obra; uma “desapropriação de si” para deixar o texto, por exemplo, nos interpelar na sua estranheza e não só nos tranquilizar naquilo que nele projetamos, mas também produzir, graças ao confronto entre o universo do intérprete e o universo interpretado, uma transformação de ambos. O processo hermenêutico, poderíamos dizer, desapropria duplamente o sujeito da interpretação: obriga-o a uma ascese primeira diante da alteridade da obra; e, num segundo momento, desaloja-o de sua identidade primeira para abri-lo a novas possibilidades de habitar o mundo (GAGNEBIN, 1997).

É nessa perspectiva que Ricoeur coloca-se diante da psicanálise: como hermeneuta e filósofo da reflexão. O seu encontro com a obra de Freud é permeado pelo anseio interpretativo com vistas à ampliação do dimensionamento do homem no mundo da cultura, da linguagem e dos símbolos: ou seja, do sujeito concreto em um mundo sempre aberto a novas possibilidades e diferentes leituras. Horizontalidade e verticalidade se dialetizam na concreção da existência: o horizonte da história e sua inerência na verticalidade do sagrado. Ricoeur explora a influência que a psicanálise exerce sobre a hermenêutica e vice-versa. Ou seja, além de uma interpretação

da psicanálise, Ricoeur pensa ser possível falar de uma psicanálise da hermenêutica, isto é, uma elucidação de uma possível base pulsional nas disciplinas interpretativas. Há, portanto, entre psicanálise e hermenêutica uma relação de reciprocidade.

O freudismo apresenta uma difícil questão para o filósofo: o questionamento do sujeito pensante. O sujeito jamais é aquilo que se pensa crer que ele seja. Há um desapossamento radical do *Cogito* cartesiano. Freud apresenta a nudez da consciência narcísica imediata, tal como aparece em Descartes e perpassa o pensamento moderno. Em outras palavras, a hermenêutica da suspeita do sujeito desmorona a apoditicidade do “eu penso” que envolve, por sua vez, a dúvida quanto à natureza do “eu sou”. O resultado da hermenêutica psicanalítica desvela a impossibilidade de uma apreensão direta da consciência de si e por si.

Ricoeur reconhece a justeza da crítica psicanalítica. Não pensa que seja possível continuar a fazer filosofia como antes. Mas não pensa que seja necessário encerrar a reflexão filosófica. Para ele, depois do advento da psicanálise, a reflexão filosófica precisa incorporar os recursos do próprio freudismo como instrumento da reflexão e da crítica da consciência imediata. Ele percebe que através da reflexão pós-analítica, a filosofia precisa abandonar a ingenuidade e a segurança da consciência imediata. A consciência passaria a ser vista como uma entre outras localidades psíquicas. A reflexão deve agora se apropriar do instrumental interpretativo oferecido pela metapsicologia – com isto, a interpretação do desejo passaria a ser um dos instrumentos da reflexão.

Nessa etapa do descentramento da consciência operada pela psicanálise, além de se ter que reconhecer o inconsciente como localidade psíquica, torna-se também necessário reconhecer a presença do que se denominou de *narcisismo*. Com a introdução do narcisismo, o ego deixaria de ser o sujeito do *Cogito* e passaria a ser considerado como um objeto de desejo. O narcisismo surge como uma grandeza metafísica, um gênio maligno que resiste profundamente à pretensa verdade sobre o indivíduo. Uma das verdades que o narcisismo nos impede de ver é a de não conhecermos quase nada acerca de nós mesmos e que não somos senhores de nossa própria psique. Descobre-se, assim, o paradoxo de que só mediante um processo de humilhação, é possível ao ego aprender alguma coisa sobre si mesmo.

Com a desconstrução da consciência imediata, realizada pela psicanálise, fica patente que a consciência humana não pode pensar-se como puro princípio ou ponto de partida. Pelo contrário, interpreta Ricoeur, ela é apenas uma antecipação que deve como tal realizar-se como “desejo de ser”, sabendo de antemão que tal esforço é uma tarefa inacabada. Devido à sua condição encarnada, o eu surge disseminado e perdido; isto significa justamente que não possui desde logo aquilo que é. Por isso é obrigado a investir-se em signos contingentes e opacos, que o mediatizam em seu ato de ser.

Vimos que a metapsicologia de Freud sugere à filosofia o desapossamento da consciência como caminho e o tornar-se consciente como *tarefa*. Caso este projeto seja aceito pela filosofia, então o único *Cogito* possível é um *Cogito* que não se possui, que aceita não compreender a sua própria verdade originária, um *Cogito* que lute contra a ilusão e a mentira da consciência atual. Ricoeur reconhece a inadequação do conceito de consciência imediata, mas não se contenta com tal constatação, pensa que é preciso continuar com a reflexão. Depois da “humilhação” da consciência, não é mais possível vislumbrá-la como algo em si e existente por si mesmo. O modelo pulsional da psicanálise sugere que ela deve ser entendida pelo desejo que a sustenta. Dessa forma, a consciência experimenta seu primeiro “trabalho de luto”, pois é humilhada e abandonada como centro da estrutura da existência humana. Diante da inexistência da consciência imediata, evidencia-se a necessidade da interpretação para a verdadeira autocompreensão. Fica claro para Ricoeur que o ato de existir afirma-se na diferença e na relação com outros atos, exprime-se por meio de obras e sinais.

2. A mediação da psicanálise

Em 1965 Paul Ricoeur publicou o livro *Da interpretação*, que destaca a questão da consciência. Segundo o autor, é com os *mestres da suspeita* que a consciência será pensada por um prisma radicalmente distinto daquele oferecido pela filosofia moderna. Nesta nova abordagem, o sujeito deve aprender a duvidar da consciência, assim como Descartes havia ensinado a duvidar de tudo. Ricoeur designa esta mudança de *antifenomenologia*, a qual realiza uma *epoché ao contrário*. Enquanto a *epoché* husserliana era uma redução de tudo o que é transcendente, uma redução à consciência, Freud realiza uma redução da consciência enquanto

tal, colocando em questão a posição central da consciência imediata como origem da significação. Esta reviravolta inflige uma “ferida” ao *Cogito* – isso representa a humilhação do sujeito da reflexão. A redução fenomenológica ainda atesta a mestria do ego, enquanto este suspende ou coloca entre parêntesis tudo o que está fora de si. Por sua vez, a suspensão freudiana é mais radical, pois coloca entre parêntesis a própria consciência, chamada de consciência imediata ou autoevidente. Nos “mestres da suspeita” as análises a respeito da realidade e de sua constituição, são conduzidas por caminhos divergentes, mas em todos eles o resultado é semelhante: a consciência é questionada em sua própria constituição ontológica – o que comumente compreendemos como consciência não passa de uma falsa consciência.

A busca de Ricoeur por uma interpretação filosófica da psicanálise deve-se ao reconhecimento da necessidade deste teste rigoroso para as ilusões da consciência, que permite então à reflexão sair da abstração e prosseguir o caminho da autocompreensão concreta. Ricoeur utiliza, portanto, da hermenêutica de Freud como um guia num duplo processo para chegar à sua meta.

A primeira fase é a do despojamento, um caminho regressivo que vai desde a pretensão da autoevidência da consciência até à origem do sentido no desejo, anterior à divisão entre sujeito e objeto. Este caminho requer a renúncia da consciência como detentora do sentido; a “humilhação” do *Cogito* é necessária se quisermos ser verdadeiramente despojados das nossas ilusões acerca da imediatez da autocompreensão. Apercebermo-nos, portanto, que não existem atalhos para o conceito e a consequente compreensão do sujeito; há apenas o *longo caminho da consciencialização*. Este longo caminho constitui a segunda fase, a da reapropriação.

Nesta etapa, Ricoeur avança em seu trabalho analítico com o intuito de redescobrir de alguma forma o sujeito ou a subjetividade que fundamenta o ser do homem. Como veremos adiante, para Ricoeur não há uma subjetividade em si, pura. Ela se dá e se apresenta sempre na mediação com o outro – o mundo. O filósofo é aquele que busca um sentido para a existência do sujeito ou do homem no mundo. O sentido terá que ser arrancado das ruínas da auto ilusão, através da atividade da interpretação, ou seja, de uma hermenêutica da redescoberta do sujeito pela mediação do mundo. Vejamos que o novo “sentido” a que almeja Ricoeur não pode mais ser descrito em termos de autoevidência ou apoditicidade. O sentido não é imediato ou *a priori*, mas o resultado de todas as mediações pelas quais deve passar o trabalho da interpretação. Em outras

palavras, o sentido não é um frente a frente de um ego isolado ou encapsulado, mas, ao contrário, o produto de um processo intersubjetivo de reconhecimento da alteridade como constitutiva de sua “identidade”.

É por meio da leitura de Freud que Ricoeur aborda o conflito das interpretações. Este é o ponto crucial da sua obra *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*, publicada em 1969. Neste livro, Ricoeur nos mostra que os símbolos possuem uma relação importante com a interpretação, além de proporcionarem um conhecimento de nós mesmos. Os símbolos encontram-se sempre referidos a alguma coisa e revelam uma verdade que através da linguagem, torna-se instrumento de mediação. Para que se possa compreender um símbolo é necessário interpretá-lo, e é pela interpretação que a diversidade dos sentidos se torna manifesta e com ela, a multiplicidade dos sentidos.

A reflexão de Ricoeur suscita a importância de se levantar o problema da subjetividade nos dias atuais. Ousamos afirmar que o filósofo francês apresenta um contributo relevante à tematização do sujeito ou da subjetividade em meio a um contexto que apresenta a crise do humanismo e, conseqüentemente, do sujeito. Levantamos uma indagação, a nosso ver pertinente, para se avaliar a presença do filósofo na atualidade: é ainda possível falarmos de sujeito e de subjetividade no pensamento atual que superou a noção de *Cogito*, tal como fundamentou o pensamento moderno, oriundo da reflexão cartesiana? Certamente, esta é uma questão que não passa despercebida no pensamento ricoeuriano. Ele teve plena consciência de que estava pisando em um terreno minado ao abordar o tema do sujeito pelo viés da hermenêutica. Não pretendeu “ressuscitar” o sujeito cartesiano e suas características modernas: obviamente o autor levou em consideração a crítica de Heidegger à metafísica e ao humanismo ilustrado como constituinte da estrutura da *weltanschauung* moderna, na qual o método científico assumiu a orientação e o papel modelar do pensamento, da verdade e da visão histórica e cultural até o século XIX.

Para o filósofo francês, o homem é acima de tudo aquele que fala, aquele que *é* fala. O problema da linguagem tem um lugar fundamental no percurso hermenêutico que constitui o arcabouço de seu pensamento. A linguagem para Ricoeur é de importância crucial para a compreensão das manifestações humanas no mundo. Pode-se dizer que ela antecede a cada um de nós, pois ela sempre já está aí presente num mundo falante – fenomenologicamente

afirmamos que o mundo nos fala. A linguagem recolhe o olhar mudo e articula seu sentido. Tal expressividade de sentido é o que, afinal, determina a linguagem em sua essência.

2.1 Ricoeur analisa Freud.

É importante frisar que Ricoeur lê Freud como quem lê um pensador; ele faz filosofia, não psicologia. Ricoeur não dispõe da experiência analítica nem como terapeuta, nem como paciente. Ele investiga a condição de discurso comunicável tal como está disposta na escrita da psicanálise. Fundamentalmente, trabalha a consistência do discurso freudiano. Lê e interpreta os escritos de Freud, como quem lê e interpreta um pensador clássico. Para ele, ainda que Freud não tenha a formação de filósofo, muitos de seus conceitos podem ser comparados com a tradição reflexiva ocidental. Portanto, para entender a leitura que Ricoeur faz de Freud, é preciso compreender também que esta leitura está circundada por um projeto filosófico. O filósofo francês estuda Freud com o intento de elaborar hipóteses e enriquecer sua condição de intérprete dos símbolos e filósofo da reflexão. A psicanálise, enquanto obra escrita, o fascina, pois ela tem uma maneira própria de ler e interpretar os símbolos e a fala humana, além de propor difíceis questões à filosofia a partir de sua descoberta do inconsciente.

Não é do interesse de Ricoeur tratar do Freud pré-psicanalítico ou do período de formação da psicanálise. O Freud que trata exclusivamente de problemas neurológicos, no período da anatomia e da fisiologia, não interessa ao estudo de Ricoeur.

Para Ricoeur a “primeira tópica” é solipsista, pois não leva em conta a condição social humana. O aparelho psíquico só estaria em condição social na “segunda tópica”. Apesar desta consideração, Ricoeur não nega que a psicanálise leva em conta o outro e a cultura desde seu início, ainda que de modo latente. Por exemplo, a situação transferencial da terapia e a trama edípica, marcos fortes da psicanálise, não podem ser pensadas desde um enfoque solipsista e nem tampouco nasceram com a segunda tópica. Não há como negar que o surgimento da psicanálise coloca em xeque a noção de “interior” e de “exterior” da psique. Aliás, o ganho teórico da psicanálise é exatamente este: falar de uma psique sempre em condição social. A cultura é decisiva no “funcionamento” da mente humana. Talvez o que Ricoeur quisesse dizer é que tal estatuto psicanalítico só se fez representar, de fato, plenamente na teoria, a partir da segunda

tópica. De qualquer forma, temos para nós que a psicanálise é interpretação da cultura, ainda que esta seja vista como um elemento no balanço energético do aparelho psíquico do indivíduo.

Ricoeur deixa evidente sua posição crítica sobre a validade e o limite da validade da interpretação psicanalítica. Evidentemente, a psicanálise não pode simplesmente ser aplicada a qualquer fenômeno humano, pessoal ou social; sua interpretação, ainda que penetrante, é reducionista na exata medida de sua teoria. Ela só considera seus objetos pelo modelo tópico-econômico. Os fenômenos são sempre vistos dentro da ótica da satisfação do desejo, como no paradigma do sonho. De toda forma, a psicanálise tem seu lugar garantido entre outras formas ou correntes de interpretação da cultura; ela não é a única, mas uma a mais dentre as interpretações da cultura. Ricoeur desmascara qualquer pretensão totalizante do discurso psicanalítico; o mesmo se aplica aos outros discursos.

O estudo de Ricoeur evidencia o fato de que no fim da obra de Freud, a psicanálise passa a sustentar uma cosmovisão. Para Freud, a vida é encarada como uma disputa entre *Eros* e *Tanatos*. A experiência de viver é marcada pela resignação em face do trágico, da necessidade e da própria morte.

Dissemos que Ricoeur possui uma leitura da obra de Freud que se caracteriza por enxergar na fala psicanalítica uma dualidade de discurso: Freud se referia ao funcionamento do aparelho psíquico em termos de *sentido e força*. A psicanálise é tanto uma hermenêutica que compreende os sentidos, quanto uma energética que explica as forças em jogo na psique humana. Esta é a tese de Ricoeur.

Tal tese, na verdade, representa uma solução para uma disputa entre duas leituras concorrentes da obra de Freud. Há quem veja Freud como um naturalista. Segundo essa leitura, sua metodologia de trabalho deveria ser comparada à da biologia ou da física. O homem freudiano, segundo essa corrente, é em essência um complexo pulsional, um produto passivo dos impulsos que vêm do corpo. Nessa visão, de viés positivista, o psiquismo seria “infiltrado” e determinado pelo corpo. Para os adeptos desta leitura, a linguagem mecanicista de Freud é privilegiada. O homem deve ser compreendido a partir de um jogo de forças cegas.

Os críticos dessa visão naturalista de homem hão de dizer que tal concepção deixa de fora exatamente o que há de mais essencial e humano no homem; reducionista, esta visão não

trabalha o sentido da existência humana. Não se trata de dizer apenas que esteja faltando algo na visão naturalista. De fato, outros tantos leitores de Freud vão dizer que sua obra é uma pesquisa constante do sentido, uma busca de significações ocultas. A própria relação terapêutica na psicanálise só pode ser pensada como uma produção de sentidos. O sentido dos sintomas está oculto aos pacientes, as significações que a sessão produz tratam exatamente de devolver o sentido ao paciente. Essa segunda abordagem quer privilegiar a decifração de sentido na obra de Freud. Desta forma, vemos instaurado o conflito: será Freud um naturalista ou será um hermeneuta? A psicanálise deve ser compreendida como um jogo de forças ou como uma decifração de sentidos?

Diante destes dois padrões de discurso, as correntes acima mencionadas têm tentado separar um Freud de outro. Quem quisesse fazer uma leitura seletiva de Freud, não teria dificuldade para sustentar uma ou outra dessas visões. Na verdade, tal separação de “dois Freuds” representa uma enorme violência ao texto freudiano. As duas linguagens estão ali o tempo todo. Nem se pode dizer que haja uma direção ou um movimento aonde a linguagem vá superando a outra. Há, de fato, momentos mais energéticos e momentos mais hermenêuticos. Mas os momentos energéticos são seguidos por momentos hermenêuticos, e vice-versa. O texto freudiano não recomenda a separação nem a exclusão de uma das linguagens. Pelo contrário, Freud parece se sentir bem à vontade com seus dois estilos de falar. Parece que para ele não há contradição entre decifração e explicação energética. Ricoeur embrenha-se por este caminho perceptível nos escritos de Freud.

Para Ricoeur, Freud não era ingênuo do ponto de vista epistemológico. Ele acredita que Freud, deliberadamente, reuniu duas ordens de discurso diversas em seu arcabouço teórico: a linguagem da força e a linguagem do sentido. Dito isso, o problema agora não se localiza em ter que escolher uma linguagem, em detrimento da outra. O problema real é que Freud não possuía as condições necessárias para demonstrar a articulação destas duas linguagens, deixando a questão em aberto.

Não é a pretensão de Ricoeur preencher as duas lacunas deixadas por Freud. Como filósofo e leitor crítico de Freud, ele busca a dialética entre as linguagens da força e do sentido. Quando ele estuda o *Projeto* (1890) de Freud, percebe que este fala de um estado energético de sua teoria, um estado em que não comparece a hermenêutica. A antítese propriamente entre as

duas linguagens emerge em *A interpretação dos sonhos* (1900), onde a hermenêutica floresce. Segundo Ricoeur, o equilíbrio entre força e sentido, seria encontrado nos escritos metapsicológicos. O filósofo pretende mostrar a irredutibilidade do discurso freudiano à linguagem quer do sentido, quer da força.

Para mostrar como estas duas ordens se articulam, Ricoeur se refere ao processo de interpretação dos sonhos, criado pela psicanálise. Desta forma, Ricoeur pretende demonstrar que não há conflito entre as duas ordens de linguagem. Aponta o conceito de *pulsão* em Freud como o lugar privilegiado desta harmonia. Nesse conceito freudiano, ele vê reunido tanto o sentido quanto a força.

No entanto, para compreender a envergadura da tese de Ricoeur é preciso não se ater somente à psicanálise. De fato, como afirmamos acima, o estudo que o filósofo francês empreende da psicanálise é um passo a mais em seu grande projeto filosófico. Na verdade, a psicanálise se insere como um modelo de interpretação que mediatiza o seu plano maior que consiste em ampliar sua filosofia reflexiva. A psicanálise é importante e entremeia sua hermenêutica, principalmente quando essa lhe apresenta os conceitos de causalidade e motivação. Isso lhe propicia verificar a diferença e ao mesmo tempo a relação que há entre explicação e compreensão. Ricoeur pode, ao lado de Freud, reapresentar o problema da ação humana em termos de causa e motivo, ou seja, por meio da explicação e da compreensão. Não há dúvida que a explicação causal tem seu lugar garantido, quando se pretende explicitar o comportamento humano. Por exemplo, sempre que houver constrangimento e força, o comportamento humano deve ser explicado causalmente, mesmo quando o constrangimento é interno. Os motivos inconscientes freudianos, que são interpretados pelo modelo energético, estão muito próximos da causalidade constrangedora. Especialmente em casos patológicos, a compulsão pode ser de tal ordem, na qual o sujeito se sente passivo, uma vítima de seus impulsos internos. Por outro lado, é possível encontrar comportamentos humanos que não são regidos deste modo. Toda vez que surge um legítimo projeto humano, não há uma relação de causa e efeito, mas motivação. Todavia, percebe Ricoeur, junto a Freud, que no dia a dia, o fenômeno humano se situa em um espaço intermediário, entre a causalidade e a motivação, entre a explicação de causas e a compreensão de motivos. Em outras palavras, o ser humano se move por desejo e por necessidade. Ele é membro da natureza e da cultura. Tem um corpo que o une

ao natural e ao mesmo tempo (sem dicotomizar), é uma experiência existencial que gera pensamento e amor. A psicanálise é um instrumento de interpretação que auxiliará Ricoeur na busca de se desvendar o fenômeno humano, o mistério da existência. Sua abordagem da psicanálise está baseada numa hipótese antropológica muito mais abrangente. De forma contundente, o pensador francês pretende evidenciar que os achados freudianos se relacionam e contribuem para o debate filosófico que procura desvelar na filosofia e na ciência os mistérios da vida humana.

Ricoeur explora a influência que a psicanálise exerce sobre a hermenêutica e vice-versa. Ou seja, além de uma interpretação da psicanálise, Ricoeur pensa ser possível falar de uma psicanálise da hermenêutica, isto é, da elucidação de uma possível base pulsional nas disciplinas interpretativas. Há, portanto, entre psicanálise e hermenêutica uma relação de reciprocidade.

No livro III da obra *Da interpretação*, intitulado “A dialética: uma interpretação filosófica de Freud”, Ricoeur procura investigar e solucionar os problemas levantados após uma passagem por Freud. Ricoeur constata o conflito existente entre as hermenêuticas que disputam uma interpretação conclusiva e excludente da temática da cultura. Ele aposta no poder de arbitragem da filosofia nesta disputa das “hermenêuticas concorrentes”. Para ele há uma hermenêutica da suspeita, assim como há uma hermenêutica da restauração do sentido. Elas se encontram em permanente conflito. A psicanálise é o paradigma da hermenêutica da suspeita, embora se mencione os pensamentos de Marx, Nietzsche e Feuerbach, onde cada um à sua maneira se alinha à suspeita como ponto de partida metodológico. Por outro lado, a religião é o paradigma da hermenêutica da restauração do sentido. Ricoeur espera de algum modo, superar tal antítese.

Ambas as interpretações têm um sentido e uma razão de ser. Por exemplo, como abandonar a relevância da crítica da institucionalização, da burocratização, da ilusão e da mentira elaborada pela hermenêutica da suspeita? Por outro lado, como abrir mão da perspectiva do sentido e da esperança, anunciada pela hermenêutica da restauração? Por que ficar só com uma parte e perder a outra, pressionado pelas hipóteses deste ou daquele modelo hermenêutico? Ricoeur espera uma superação. Espera que a filosofia seja capaz de integrar todo e qualquer processo de interpretação dentro dos horizontes da filosofia reflexiva. Para ele a interpretação precisa alcançar um *status* filosófico, sem, porém, perder a concretude; ela não pode ser uma

mera reflexão abstrata, é preciso estar “encarnada” na realidade concreta. Ricoeur procura no “símbolo” o *locus* desta concretude. Para ele, o símbolo além de revelar as experiências reais do ser humano, possui uma textura que remete a uma base pulsional. Por meio do símbolo, a reflexão permanece concreta. No símbolo há uma remissão para frente (futuro) e para trás (passado), abrindo espaço para a interpretação entre a hermenêutica crítica e a hermenêutica afirmadora do sentido da vida.

Quanto à hermenêutica da suspeita, representada pela psicanálise, Ricoeur busca estudá-la por meio de uma filosofia deliberadamente reflexiva (vincula a hermenêutica à reflexão). Trata-se, portanto, de uma reflexão que procura elevar ao nível propriamente filosófico os resultados das descobertas freudianas. Para isso, Ricoeur procura uma ideia guia para pensar o discurso analítico e propõe para isto o conceito de “arqueologia do sujeito”. Tal ideia não deve ser entendida como uma imposição à leitura de Freud, mas como um conceito que ajude a trabalhar o legado freudiano e, ao mesmo tempo, propicie a realização do projeto filosófico do pensador francês.

Conclusão

Com a desconstrução do conceito de consciência imediata, realizada pela psicanálise, patenteia-se que a consciência humana não pode mais pensar-se como puro princípio ou ponto de partida. Pelo contrário, interpreta Ricoeur, ela é apenas uma antecipação que deve como tal realizar-se, isto é, o conceito de consciência tem como base originária o *desejo de ser* (o esforço para ser) e como tal, é sempre uma tarefa inacabada. Devido a sua condição de inconcluso, o eu surge disseminado e perdido – isto significa justamente que não possui desde logo aquilo que é. Por isso é obrigado a investir-se em signos contingentes e opacos (os elementos constituintes da cotidianidade), que mediatizam, realizando-o em seu ato de ser. O eu ou o sujeito não se compreende como uma cápsula abstrata, mas se vê desde sempre enraizado num corpo e na historicidade, na qual este corpo é fundamental e constituinte da tarefa de compreensão de si mesmo.

Referências bibliográficas

- ANDRADE Abrahão Andrade. *Ricoeur e a formação do sujeito*. Porto alegre: EDIPUCRS, 2000.
- CESAR, Constança Marcondes (org.). *A hermenêutica francesa: Paul Ricoeur*. Porto alegre: EDIPUCRS, 2002.
- _____. *Paul Ricoeur: Ensaio*. São Paulo: Paulus, 1998.
- FRANCO, Sérgio de Gouvêa. *Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur*. São Paulo: Loyola, 1995.
- GUIMARÃES, André Eduardo. *A paternidade no confronto entre psicanálise da religião e fé*. Porto alegre: EDIPUCRS, 1999.
- RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaios sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. *Finitud Y culpabilidad*. Madrid: Editorial Trotta, 2004.
- _____. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- SILVA, Maria Luíza Portocarrero da. *A hermenêutica do conflito em Paul Ricoeur*. Coimbra: Livraria Minerva, 1992.